

VERSÕES DIFERENTES DE UM MESMO CONTO

*Juliana Silva LOYOLA**

Os chamados contos de fadas vêm sendo alvo de constantes pesquisas por parte de estudiosos de vários campos do conhecimento. De um modo geral, estes trabalhos são unânimes em considerar os contos um material rico que oferece possibilidades inesgotáveis de estudo.

A origem dos contos de fadas, como é do conhecimento da maioria, está na tradição oral popular e suas fontes remetem a diversas partes do mundo (3). Estas histórias, contadas pelo povo e que percorreram séculos, chamaram a atenção de alguns estudiosos que se empenharam num trabalho de compilação dos contos, colhendo-os diretamente da tradição oral. Daí termos hoje a nosso alcance algumas coletâneas de contos de fadas, merecendo destaque, entre todas as conhecidas, a de Charles Perrault - *Contos da Mãe Gansa* - que data de 1670 e a dos Irmãos Wilhelm e Jacob Grimm - *Contos de Fadas para Crianças e Adultos* - cuja primeira publicação deu-se em 1812.

* Aluna do Programa de Pós-Graduação

As coletâneas de Charles Perrault e dos Ir. Grimm são conhecidas mundialmente e apresentam semelhanças quanto às histórias coletadas. No entanto, podemos verificar diferenças significativas quando observamos de que maneira cada autor registrou tais histórias. É compreensível que estas diferenças existam dada a distância física e também cronológica (mais de um século) que separam Perrault dos Ir. Grimm, sem contar os fatos sócio-histórico-culturais que, sem dúvida, interferem demasiadamente nestes casos.

O tema proposto para este trabalho refere-se às versões diferentes de um mesmo conto e nesse sentido podemos estar falando, por exemplo, da versão que C. Perrault apresentou de um determinado conto e da mesma história contada pelos Ir. Grimm. Mas podemos falar também em diferentes versões destes contos cuja publicação contou com adaptadores, revisores, etc., contratados pelas editoras para a "re-produção" dessas histórias.

Os contos de fadas - que os especialistas costumam chamar de Literatura Infantil Tradicional - sempre fizeram parte dos lançamentos editoriais no Brasil e podemos encontrar, com datas bastante antigas, inúmeras coleções, sempre en

cantadas", que, misturando índios, sacis, bruxas e fadas, vêm povoar a infância brasileira percorrendo um caminho que, fatalmente, passa pela escola - instituição que constitui um dos pilares sobre os quais a Literatura Infantil e Juvenil no Brasil, nasce e desenvolve-se. É a esse tipo de versão do conto - a versão adaptada e constantemente modificada na sua forma original - que nos dedicamos no presente trabalho.

A história mundialmente conhecida da linda menina que só usava um Chapeuzinho Vermelho* - daí o seu nome - e da perigosa aventura que viveu com o lobo será objeto de nossa atenção. As versões selecionadas para análise são: a) uma tradução do original alemão de "Chapeuzinho Ver

* Há muitas versões da história "Chapeuzinho Vermelho" e nesse sentido existem outros textos que se encontram na mesma posição do texto adaptado que selecionamos para análise; porém torna-se necessário que qualquer referência a textos adaptados parta sempre do original, daí elegermos em primeiro lugar uma tradução do original, considerando-a como uma das versões em questão. Chamaremos de texto 1 a tradução do original e de texto 2 a versão adaptada de 1951.

melho", dos Ir. Grimm, feita por Tatiana Belinky (4) e b) uma adaptação de "Chapeuzinho Vermelho" feita por Leonardo Arroyo e Fernão de Magalhães (1).

Procuramos nos deter nos textos tendo em vista o original (texto 1) como ponto de apoio para as comparações com a adaptação (texto 2).**

É óbvio que as diferenças do texto 2 em relação ao texto 1 refletem uma preocupação dos adaptadores em adequarem o texto a um público visado por uma coleção destinada a crianças em idade escolar no início da década de 50. Mas nossa preocupação, sem contudo ignorarmos este dado, não foi a de detectar através do texto de Leonardo Arroyo e Fernão de Magalhães o modelo de escola que prevalecia em 1951, embora o texto possibilite também isso. O que tentaremos mostrar é que quando afastou-se do original, modificando-o, o texto 2 perdeu em qualidade literária.

"Chapeuzinho Vermelho", o conto mais divulgado pelo mundo todo segundo Bruno Bettelheim(2), conta a história de uma menina muito linda que

** Os textos indicados a seguir encontram-se em anexo.

ganhou de presente da avó um capuz de veludo ver melho. E porque sempre usava esse chapéu ficou conhecida pelo nome de Chapeuzinho Vermelho. Um dia, enquanto levava bolo e vinho para a avó doente, encontrou-se com o lobo. Este, planejando devorá-la e também à avó, seduz a menina com o agradável convite para brincar na floresta colhendo flores e ouvindo os pássaros. Mesmo tendo sido advertida pela mãe, Chapeuzinho Vermelho desvia-se de sua missão e embrenha-se no mato em busca de flores para a avozinha. Enquanto isso, o lobo corre na frente, devora a avó da menina, veste-se com as roupas da velha e fica à espera de Chapeuzinho. Logo depois ela chega e, percebendo a porta aberta, estranha o fato. Aproximando-se do lobo disfarçado, após um breve diálogo, Chapeuzinho Vermelho é engolida por ele. Um caçador que passava por ali escuta os roncoss do lobo e encontra-o adormecido. Com uma tesoura, ele corta a barriga do animal e de lá salva a menina e a vovozinha. Chapeuzinho coloca pedras na barriga do lobo causando assim a sua morte e diante do acontecido resolve não mais deixar de ouvir as advertências da mãe quando esta as fizer.

A história contada por Leonardo Arroyo e

Fernão de Magalhães é diferente em vários aspectos, mas começemos do princípio. Conforme podemos verificar nos textos, o de nº 2 substitui a expressão inicial "Era uma vez ..." por "Na época em que os animais falavam". Ambas as expressões nos remetem a um tempo distanciado do tempo real, uma época que não é a nossa mas que de alguma forma teria existido. Nesse sentido, as expressões "Era uma vez ..." e "Na época em que os animais falavam" se equivalem. No entanto, ao mesmo tempo em que a "época em que os animais falavam" mostra-se próxima da ficção e da irrealidade, os textos de Leonardo Arroyo e Fernão de Magalhães preocupam-se muito mais em trazer o leitor para uma situação organizada segundo os padrões não só da realidade, mas de uma realidade de construída nos moldes da sociedade da época. Expliquemos por quê. Logo em seguida à frase inicial, os autores nos contam que a menina tinha 12 anos, vivia numa aldeia situada na serra em companhia do pai e da mãe e que constituíam uma família alegre e com relativo conforto. Todas essas informações encontram-se ausentes no texto original que, como a maioria dos contos de fadas, apresenta-nos personagens-tipo, sem determinação de nome próprio, idade, local de nasci

mento ou qualquer outra particularidade. A "Chapeuzinho Vermelho" de Leonardo Arroyo e Fernão de Magalhães é uma menina determinada pela sua idade, condição social e domiciliar o que, a nosso ver, já diminui a personagem que passa de universal para particular(*). Ainda na descrição da menina, o texto 2 acrescenta que Chapeuzinho tinha um grave defeito - a desobediência - e que a avó a mimava muito fazendo-lhe todas as vonta

* Numa interpretação psicanalítica, isso com certeza interferiria no processo de identificação da criança com a heroína e dessa forma o conto perderia em qualidade. Bruno Bettelheim - psicanalista que se dedicou ao estudo dos contos de fadas - antes de considerar qualquer coisa em relação a eles, disse da necessidade de serem esses contos obras literárias de qualidade a fim de que servissem ao seu intento - o tratamento de crianças perturbadas. Segundo este estudioso, os contos "menores" literariamente falando, eram rejeitados pelas crianças por não permitirem o processo de identificação com a história e com os personagens.

des. Somente aí é que os autores mencionam o fato da avó ter-lhe presenteado com o capuz e a justificativa do apelido, havendo ainda a preocupação em dizer que o chapéu foi um presente **de aniversário.**

O passo seguinte no texto original é a tarefa que a menina recebe (levar bolo e vinho para a avó que está doente) e a advertência da mãe: "Sai antes que comece a esquentar e quando saíres, anda direitinha e comportada e não saias do caminho, senão podes cair e quebras o vidro e a vovó ficará sem nada, e quando chegares lá, não esqueças de dizer bom-dia, e não fiques espiando por todos os cantos". O texto 2, no entanto, antes de apresentar essa situação - a tarefa e a advertência - inclui um parágrafo inteiro dedicado a informações do tipo: que a menina era aplicada na escola e prestava atenção às lições dos mestres, mas à solta, no campo, era um "verdadeiro diabinho"; que brincava com os animaizinhos pequenos como grilos e filhotes de passarinhos; que era educada e tratava "tudo e todos" de senhor - "senhor burro", "senhora ovelha" - e em suas conversas com eles preocupava-se em saber se eram bem tratados por seus donos, se tinham bom pasto, etc.

Aí então é que tem início o parágrafo onde a menina recebe a tarefa: levar bolo e mel (e não vinho) para a avó doente. Não é gratuita a mudança do vinho para mel - substância doce, natural e alimento muito recomendado às crianças. O vinho, uma bebida muito consumida em sociedades mais antigas e até hoje usado como remédio em tratamentos de anemia, vincula-se também ao uso de bebidas alcoólicas que viciam e podem levar a pessoa ao delírio. Podemos evidenciar ainda a tentativa de uma aproximação do texto à realidade brasileira. Ao contrário do que ocorre na Alemanha, no Brasil o vinho não é uma bebida de consumo diário. O mel, sem dúvida, pareceu aos autores Leonardo Arroyo e Fernão de Magalhães, um elemento mais apropriado para uma menina que vai visitar a vovó doente; sem contar a imagem poética das colméias cheias de mel presente no texto 2.

Quanto à advertência da mãe no texto 2 temos: que Chapeuzinho "fosse pelo caminho mais curto e não procurasse entretenimentos que a demorassem". O encontro com o lobo dá-se logo que a menina penetra na floresta; é interessante comparamos os diálogos travados pelos dois num texto e noutro. O texto 1 nos conta que quando

Chapeuzinho encontrou-se com o lobo, não teve medo dele por não saber de quem se tratava e por isso manteve um diálogo inocente correspondendo ao cumprimento inicial do lobo (Bom-dia!) e ofereceu-lhe informações do tipo: onde estava indo, o que ia fazer e a localização exata da casa da avó.

Já o texto 2 revela que, logo que viu a menina, o lobo teve desejo de a devorar e só não o fez porque havia lenhadores por perto. O texto deixa ainda bastante claro que o fato de a menina conversar com o lobo revela um hábito perigoso e condenável de Chapeuzinho em "dar confiança a tudo e a todos". O lobo não se dirige a ela simplesmente com um Bom-dia! como no texto 1, mas veste-se com a máscara do mais belo e educado mancebo que, demonstrando alegria pelo encontro, pede "no mais requintado gesto de polidez que lhe fosse dado o prazer de acompanhar tão gentil menina."

No texto 1, o lobo consegue ludibriar a menina fazendo-a demorar-se mais pela floresta, a fim de que ele pudesse correr na frente e devorar a avó. Ele faz isso chamando a atenção de Chapeuzinho para os lindos raios do sol, as flo

res e o canto dos pássaros, criticando-a por estar tão concentrada no caminho como se fosse para a escola. Esse é o único momento no texto 1 em que há uma referência ao ambiente escolar e o mesmo aparece em oposição à floresta - um lugar divertido onde não há a necessidade de se caminhar com tanta seriedade.

Já no texto 2 o que ocorre é uma atitude enganadora (e não sedutora) do lobo. Ele convence Chapeuzinho Vermelho de que ela estava errada quanto ao caminho mais curto e que percorria o mais longo. A menina acredita nele e desvia-se do caminho que vinha seguindo. Neste trecho é possível perceber o tom severo dos narradores em relação à atitude da personagem. Eles lembram os leitores de que Chapeuzinho "pôs de parte as recomendações da mãe e tomou o caminho que o lobo lhe indicara" - atitude considerada repreensível nas entrelinhas do texto, pois não se trata apenas de uma distração da menina mas de um ato de descaso para com as advertências da mãe.

Ambos os textos descrevem em seguida a chegada do lobo à casa da vovozinha. Imitando a voz da menina o lobo consegue as informações de que precisa para abrir a porta e penetrar na casa. O texto original é bastante suscinto neste trecho

apenas descrevendo que o lobo, logo que chega à porta da casa, bate e recebe da velha permissão para entrar. Já no texto 2, além da descrição encontramos expressões onomatopaicas que representam as batidas à porta (truz!truz!truz!) e a observação dos narradores de que o lobo "pigarreou e adoçou a voz" para falar com a vovó. A todo momento percebe-se a preocupação dos narradores em oferecer detalhes no intuito de tornar a história o mais real possível, quebrando com essas tentativas a lógica da fantasia que sustenta o conto. Há uma interferência constante no universo ficcional do texto afetando com isso o seu equilíbrio.

Logo que entra na casa da avó, o primeiro passo do lobo é dirigir-se ao quarto dela e devorá-la. Mas no texto 2 acontece uma inversão dos fatos: o lobo logo que entra no quarto da velha, assusta-a de tal forma que a mesma sofre um desmaio e fica desacordada. O lobo, refletindo um pouco sobre as vantagens de comê-la ou não, decide apenas jogá-la para baixo da cama porque estava magra demais e só tinha pele e osso. Segundo o texto 2, o lobo imaginou que o seu apetite ficaria prejudicado para quando a menina chegasse. Dessa forma o texto 2, além de excluir um dado

importante do texto original - a morte temporária da avó de Chapeuzinho - exclui junto com ele a oportunidade que o leitor tem de vivenciar essa perda momentânea, geradora de uma tensão que será responsável pelo encaminhamento do clímax da história, pois, se o lobo foi capaz de engolir a avó, então, com certeza, ele também o fará com a menina e isso torna as coisas muito mais emocionantes. Não podemos nos esquecer de que estamos falando de um tempo e de um lugar do "ERA UMA VEZ ..." portanto, tudo é possível, até mesmo a ressurreição ou ser engolido por um lobo e sobreviver dentro da barriga dele.

A preocupação detectada no texto 2 em tornar os fatos adequados a um universo real, procurando camuflar, entre outras coisas, o grau de violência, além de estar em contradição com a frase inicial do texto - "Na época em que os animais falavam" - destrói todas as possibilidades de uma experiência fantástica proporcionada pelo conto original - experiência que por ser fantástica torna-se de certa forma uma experiência estética.

Pois bem, com esse dado, a opção do lobo em não comer a avó de Chapeuzinho, tem início uma série de inversões no texto 2 se comparado ao

original. Ao contrário do que ocorre no texto 1, o texto 2 não mostra, logo em seguida, a chegada de Chapeuzinho Vermelho à casa da avó. Há, no texto 2, um deslocamento da cena levando o leitor de volta à casa dos pais da menina onde é descrito o estado de preocupação e aflição da mãe de Chapeuzinho pela demora da filha. Diante de tal fato, a mãe decide enviar o cachorro da casa - cujo nome era Dragão - para procurar a filha supostamente perdida. O cachorro sai logo em seguida ao encalço da menina e enquanto caminha pensa consigo: "A leviana, teimando em ser desobediente, ainda um dia dá um desgosto aos pais." - um comentário que, sem dúvida, foi colocado na boca do cachorro mas para ser dirigido ao público leitor. Esse cão faz, na verdade, um papel semelhante ao do caçador no texto original com a diferença de que consegue chegar em tempo e salvar a menina antes que ela seja devorada pelo lobo.

Na casa da avó, o diálogo que a menina trava com o lobo disfarçado acontece em ambos os textos. Trata-se daquele momento em que Chapeuzinho, estranhando a aparência da avó, faz uma série de perguntas questionando-a sobre os seus traços grosseiros até que ao perguntar sobre o

tamanho da boca, recebe do lobo a resposta: "é para te comer melhor!"

Como dissemos, no texto 2, o lobo não alcança seu intento e é morto pelo cachorro Dragão antes de comer a menina. Em lugar da chegada do caçador e da saída da vovozinha e de Chapeuzinho de dentro da barriga do lobo, o que encontramos no texto 2 é uma situação de pressão sobre a personagem principal que ouve uma voz vinda de baixo da cama dizendo: "Aproveite eternamente esta lição, Chapeuzinho Vermelho! A tua desobediência e leviandade puseram em perigo não só a tua mas também a minha vida." Era a avó que, despertando do desmaio, aproveitou para chamar a atenção da menina. Sem dúvida, essa fala da velha funciona também como a voz da consciência falando à menina desobediente e, principalmente, a todo público que recebe o conto.

É nosso ponto de vista que o texto original tal como foi colhido da tradição oral pelos Ir. Grimm com a finalidade de registrá-lo sob forma literária, apresenta uma estrutura própria que lhe confere beleza e suavidade apesar dos atos de violência do lobo sobre as duas personagens femininas. Tudo está organizado segundo um espaço e um tempo fictícios, não só pela dose de fan

tasia do conto, mas pela despreocupação em detalhar nomes, locais, meios intermediários que possibilitem um acontecimento, etc.; e o texto isento de tudo isso sustenta a imaginação do leitor que, penetrando no universo do "ERA UMA VEZ ...", não necessita de explicações secundárias para vivenciar a emoção que a história em si é capaz de proporcionar.

O texto 2 é uma adaptação, a nosso ver, pobre, porque em vez de partir do original para criar um outro texto tão bom ou melhor que o primeiro, aproveita a oportunidade para impor uma leitura de "Chapeuzinho Vermelho" ao leitor, privando-o do direito de exercer a sua capacidade de ler. O texto 2 está preocupado com uma interpretação fechada do conto que para os adaptadores, tem a função de transmitir aos leitores e ouvintes bons ensinamentos e lições moralizadas. Em nome dessa função, o conto original é mutilado em diversas partes recebendo "implantes" de um material completamente avesso a sua natureza.

Ao tentarem transformar o texto original em algo mais próximo do público infantil, os adaptadores, além de se mostrarem equivocados quanto à função da literatura na vida do homem, tornam

a história de Chapeuzinho Vermelho - uma das mais emocionantes que conhecemos - num amontoado de princípios moralizadores totalmente destituído de literariedade e porta-voz declarado de uma ideologia com unhas e dentes pela sociedade brasileira dos anos 50 - que tinha na escola seu principal aparelho ideológico.

A escola dos anos 90 não é menos divulgadora da ideologia da classe dominante do que nos anos 50. Porém é impossível negar que a sociedade brasileira passou por algumas transformações e conceitos importantes tais como leitura, literatura infantil, infância e que outros vêm sendo repensados constantemente; os resultados dessas reflexões aparecem aqui e acolá, mesmo que a duras penas.

As edições que aparecem hoje dos contos de fadas preocupam-se, em primeiro lugar, com uma boa tradução e com a indicação completa de dados como: nome do tradutor e ilustrador - quase nunca contidos em edições mais antigas. No caso das adaptações, nós ainda as encontramos hoje, também realizadas por grandes nomes da literatura infantil; porém o que se observa é uma fidelidade total à história e as mudanças que acontecem, normalmente, não interferem na estrutura do texto.

to se comparado ao original.

Finalmente gostaríamos de dizer que o estudo de versões diferentes de um mesmo conto é apenas uma das inúmeras possibilidades de trabalho oferecidas por este material e tal estudo tem se mostrado proveitoso para a leitura de alguns textos da literatura infantil atual que se caracterizam, principalmente, pela retomada dos contos de fadas - uma modalidade bastante freqüente na produção literária para criança e jovens no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARROYO, L., MAGALHÃES, F. (Adap.). *O chapeuzinho vermelho*. São Paulo: Ed. Lep, 1951.
2. BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
3. COELHO, N.N. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.
4. GRIMM, J., GRIMM, W. *Chapeuzinho vermelho*. Trad. de Tatiana Belinky. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.